

CADEIRA N.º 12

Patrono: Heráclito Graça

Vaga: Falecimento de Natanael Cortez

Recipiêdo: Jáder de Carvalho

Recipiendário: J.C. de Alencar Araripe

Data da posse: 16 de dezembro de 1967

JOSÉ CAMINHA DE ALENCAR ARARIPE. Nasceu na cidade de Jardim, em 1.º de maio de 1921. Filho de Otaviano Cícero de Alencar Araripe e Joana Caminha Gondim Araripe. Bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais. Professor-Assistente do Curso de Comunicação Social do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará. Membro do Conselho Estadual de Educação. Secretário da Faculdade de Medicina da U.F.C. Jornalista. Publicou: *A Faculdade de Medicina e Sua Ação Renovadora* (1948); *Nordeste, Pão e Água* (1959); *Do Sonho de Brasília à Realidade do Nordeste* (1960); *A Glória de um Pioneiro — Vida de Delmiro Gouveia* (1965); *O Mundo em Três Dimensões* (1967).

Jáder de Carvalho

A Morte vem amiudando as visitas à nossa Academia. Uns após outros, com pequenos intervalos, foram-se oito companheiros inesquecíveis. Mas, rica de talentos e de letras, a terra comum mostrou-se generosa no preenchimento das vagas. E, agora, quase reconstituída no seu quadro, embora doente de saúde, esta Casa não arrefece no ânimo e no trabalho: a vida continua.

Não posso incluir-me no número dos Acadêmicos sempre visíveis nas sessões ordinárias e mesmo nos dias de festa da Academia. Devo falar com honestidade e clareza: sou dos que menos aqui comparecem, não por descaso, mas pelo temperamento arredo que empresta falsas aparências anti-sociais a

uma criatura em verdade amiga dos homens, principalmente quando os seus semelhantes pertencem à classe de escritores e poetas, gente que labuta com as suas próprias penas e, não raro, com as dores alheias. Malgrado a minha ausência física, sempre neutralizada pela presença da alma, fui, dentre nós, quem levou as flores do luto à sepultura de Dolor Barreira. E, neste instante, ainda com o sal das lágrimas no rosto, abro as portas do Sodalício, para a entrada triunfal de quem, pela meio-juventude, se constitui uma bela promessa de vida, embora já lhe salte das sandálias o pó de muitos e compridos caminhos.

Temos diante de nós, grave no espírito e na fisionomia, um guerreiro de sonhos ambiciosos e clava firme. Não lhe tolda a vista o fulgor das vitórias: a simplicidade é aquela mesma, que eu tanto conheço e admiro do jornalista na mesa de trabalho, do repórter sem fadiga e de olhos abertos para tudo, do ensaísta comedido, valente e reto nas convicções filosóficas e políticas, porém manso na exposição, cavalheiresco na polêmica, educado e amável mesmo quando a discussão pede verbos ferinos e adjetivos contundentes.

Eu disse: jornalista, repórter, ensaísta. Terei acaso mentido? Este homem que vos fala, até hoje, só mentiu no amor. É claro na luta, verdadeiro em filosofia, certo na amizade. Então, por que iria mentir, ele que sempre repeliu convencionalismos? Ele que só agride quando é justo agredir?

A grata missão que me foi atribuída — a de abrir as portas da Casa ao novo companheiro — levou-me, espiritualmente, a uma viagem em que pude rever, com os olhos da alma, a minha paisagem sempre amada. Nasci na terra clássica das secas, à primeira década deste século. Que vi com estes olhos do corpo? Vi um Nordeste que, na Geografia, ainda não era bem o Nordeste, mas o Norte. Fazia-se comum a expressão “gente do Norte”, nela compreendidos, a um só tempo, amazonenses e alagoanos, sergipanos e maranhenses, paraenses e baianos. Ao escrever o maior dos seus livros — *Terra de Sol* —, também um dos maiores do Brasil, Gustavo Barroso não foi, pura e simplesmente, um João do Norte?

Aqui inexistiam as rodovias. O pé redondo dos caminhões ainda não marcara os velhos caminhos nascidos do casco dos burros e dos bois. Juazeiro do Padre Cícero não passava de asqueroso labirinto de choças, improvisado ao sol e à chuva na noite longa e enferma do fanatismo religioso — noite sem a mínima esperança de madrugada. Trenzinho pioneiro, em marcha lenta e sinuosa por trilhos estreitos, apenas apalpava o sertão. As secas eram sem caminhos para os pés doridos dos “retirantes”. Açudes? Tão-somente o “Cedro” — uma pupila meio verde, meio escura, meio tímida, no rosto áspero do carrascal; pupila horizontalmente limitada por um arco de sobancelha feito de granito entre um promontório que lembraria, modestamente, o da Ilha de Capri, e a pedra “Faladeira” — pedra de minha infância e de minha saudade — que tantas vezes me repetiu a voz nos reencontros do filho ingrato e nômade com a terra dura, agressiva, pobre, desconfiada, porém jamais esquecida.

A esse Nordeste ainda com o rastro dos cangaceiros, ainda ressoante de litânias bárbaras, ainda de ouvidos e coração escancarados aos desafios dos cantadores, J.C. de Alencar Araripe, em linguagem nobre, simples e correntia, superpôs o Nordeste que está saindo das mãos dos engenheiros, ecólogos, agrônomos, economistas, químicos e sociólogos, já sem a poesia do passado e numa transfiguração em que de antigo só restam mesmo os foguetes dos “romeiros” do Padre Cícero e a calamidade clássica e periódica, amansada, em parte, na sua brutalidade ciclópica — mas amansada sem a rapidez com que se construiu Brasília. Melhor: com uma lentidão, bem uma preguiça que, noutro país de povo mais inquieto, de reivindicações mais violentas, já teria provocado uma guerra separatista, de conseqüências previsíveis em face de um mundo caracterizado pelo choque entre imperialismos, pelo conflito de filosofias que recorrem às armas, pelo atrito de ideologias que mal disfarçam ambições territoriais, agudas competições econômicas e notória intenção de domínio político.

O Nordeste de Alencar Araripe, isto é, o Nordeste visto pelo grande repórter que hoje recebe o prêmio da imortalidade

acadêmica, já não é a terra molhada pelo sangue de clãs em guerra e muito menos a muda e dócil testemunha do reinado dos "coronéis". É, sim, a mesma terra de sol, mas somente com os seus problemas clássicos e vitais até bem pouco sem solução; os problemas do açude, da pesca, das rodovias, das estradas de ferro, de irrigação, da energia elétrica, da racionalização da agricultura e do criatório. O repórter em função mesma da natureza do trabalho jornalístico, não quis ir além da fotografia do meio geográfico em suas relações com o homem no processo elaborativo de uma civilização planejada a edificar-se em plena luta com o quadro meteorológico, sem omitir-se a finalidade de uma integração urgente; a integração do Nordeste, de modo definitivo, na paisagem econômica e política do Brasil. Contudo, se não há na obra do repórter o retrato da alma do Nordeste, semi-árido, existe a fotografia do corpo quase todas as chagas ainda à espera de cicatrização. Segundo cantei num poema bárbaro

*“as dores do Nordeste ainda não tiveram fim:
dores da seca, das inundações, da lavoura rotineira
e desesperada, do criatório perseguido, das avitaminoses sem esperanças, do cangaço teimando em
viver, dos meninos magrinhos, anêmicos, mas de
faca no quarto — enfermas e tristes sementes dos
cabras dos coronéis”.*

Falei em estradas de ferro: ah, como os trilhos ainda custam a vencer o sertão! Falei em rodovias: ah, como demoram a devassar a caatinga, como param, de vez em quando, à falta de verbas insignificantes — se levamos em conta as montanhas de cruzeiros gastos em Brasília, a cidade faraônica, num tempo menor que a vida de um relâmpago! Falei em pesca: ah, como o peixe dos açudes — peixe do São Francisco e da Amazônia — ainda não chega à boca do pobre, mesmo do pobre ribeirinho, pois o intermediário lhe põe a mão — aliás esse mesmo intermediário nunca ausente no sertão nordestino, quer nos invernos coalhados de feijão e milho, quer nas secas

dos “retirantes”, com os “fornecimentos” armados ao pé das barragens em construção! Falei nos romeiros do Padre Cícero: ah, “enquanto houver dor sem remédio, fome dirigida, escuridão de espírito, — foguetes de peregrinos se queimarão nos céus do Cariri!” Referi-me a Juazeiro: ah, como as cidades místicas não nascem por acaso, não crescem, não espalham tentáculos, não clamam em voz alta, senão porque há pobreza sem esperança, doença sem medicina, fome sem promessa de pão! Não esqueci a caatinga, o carrascal, o arisco: ah, como ficam longe os canais de irrigação, tão pequenos, tão curtinhos, que mais parecem braços de menino em corpo de gigante!

O corpo do Nordeste, quem não o vê, da cabeça aos pés, nas reportagens de Alencar Araripe? Quem não o descobre, mesmo com vista cansada, na terra a gritar por açudes, no açude a pedir canais de irrigação, na irrigação a morrer, parada, sem ânimo, embrionária, ao sopé das barragens descomunais? Quem não o apalpa nessas barragens, que negam à água acumulada o seu trabalho fecundante e somente agora, depois de tantos anos de sono, se resolvem a alimentar turbinas, a espantar as sombras noturnas em cidades e vilarejos do sertão, com a força dos seus cavalos domesticados?

Mas, se o corpo do Nordeste geográfico e econômico é montanha, rio, açude, canal, rodovia, estrada de ferro, a alma não é apenas a bravura do cangaceiro, a fé que arde nos “romeiros” do Padre Cícero e de São Francisco de Canindé. A alma é a própria vida do povo nordestino — povo de nômades que viaja com as suas tradições, a sua coragem, a sua fortaleza moral, o polimorfismo da sua inteligência inexplorada, cortando seringa no Amazonas, plantando café em São Paulo e no Paraná, levantando barragens em Minas Gerais, trocando o nome de cearense, paraibano, rio-grandense, pelo de cangango, no nascimento e crescimento de Brasília, cidade de ferro e cimento, com muito chão e céu, mas ainda sem a alma do homem: essa alma vem de longe, não é feita sob encomenda, não se planifica, flui da eternidade do sangue, da eternidade da paisagem. Ah, que as cidades nascem, crescem,

amam, suam, sofrem como nós. Como nós, possuem cérebro, coração, estômago, pulmões, sistema nervoso. E, ainda como os homens, adoecem, param, envelhecem, morrem.

Mas alma — quero ser mais claro — não é apenas a vida do povo. É também a vida, a paixão e a morte dos super-homens e das super-mulheres, se assim posso expressar-me. E, para configuração da alma nordestina em suas múltiplas dimensões, elejo como super-modelos Delmiro Gouveia e Dona Bárbara, figuras forjadas no cadinho geográfico e étnico do Nordeste. E não somente no cadinho da geografia e do sangue: também nos processos competitivos da área econômica, do terreno político, das zonas onde as inteligências, os instintos, as ambições humanas se constituem, em luta não apenas por um lugar ao sol, mas por muito espaço — espaço capaz de acolher sonhos de domínio, aspirações de riqueza econômica, de grandeza social, às vezes lastreadas pela megalomania. Essa megalomania — é bom que se esclareça — nem sempre os historiadores a adivinham, no estudo, na exegese de homens e fatos singulares.

Delmiro Gouveia! Não foi por acaso, ou por simples coincidência que ele veio à tona, neste discurso. Vejo-o, corpo e alma, nas páginas graves, comedidas e claras do livro a *Glória de um Pioneiro*, magnífico retrato do cearense que, numa autêntica predestinação, vem ao sol da cidadezinha de Ipu, embalado pela música de pequena queda-d'água, para morrer, um dia, aos estrondos de Paulo Afonso. Os cavalos dessa cachoeira, — cavalos que hoje relinham nos motores do Recife, de Salvador, de Fortaleza e outras cidades — quem primeiro lhe pôs o cabresto não foi outro senão Delmiro Gouveia, depois de uma infância humilde, de uma juventude anônima e de crespas, tormentosa maturidade — tempo em que se revela o super-homem.

Pôr o cabresto aos cavalos da cachoeira tem esta fabulosa significação: enfrentar na caatinga, no curso de um rio, com a ajuda da hulha branca, os dragões indormidos de um dos imperialismos que, a esse tempo, já ameaçavam a independência do nosso país. E — maravilhosa coincidência! —

ele vai plantar a nossa primeira e única trincheira nacionalista, exatamente no rio da unidade brasileira — unidade feita à música dos aboios, numa penetração pacífica, porém com a marca da eternidade. E é quando nasce a primeira figura autenticamente nacional de nossa história: o vaqueiro são-franciscano, criador da civilização do couro e responsável pela perenidade do Brasil.

A fábrica da Pedra é, sem dúvida, a maior batalha econômica e política do tempo brasileiro. Nela, o idealista aparece com dimensões muito maiores e mais definidas do que mesmo as de Mauá — outro que a História nem sempre justa e exata soube medir e perpetuar.

Senhores:

Quereis o tamanho descomunal de Delmiro? Pois atentai neste fato, para muitos sem sentido e sem expressão, mas guardando, na sua essência, um conteúdo psicológico nem sequer pressentido pelos historiadores. Pergunto: por que as máquinas de Delmiro, que fabricavam linhas de coser, foram lançadas ao São Francisco? Na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Alemanha — países super-industrializados — maquinismos obsoletos não ficam à margem da vida e do progresso, expostos às injúrias do tempo? Por que não os recolhemos o Tâmsa, o Reno, o Mississipi, o Sena? Ah, os fabricantes britânicos de linha de carretel respondem à insolência do jagunço com este protesto (ou deboche?), que pela força do ineditismo e da extemporaneidade, vale muito mais do que notas diplomáticas, gritos do povo na praça pública, demonstrações bélicas de toda espécie: o lançamento às águas de máquinas ainda vivas, ainda quentes das mãos operárias, ainda capazes de conquistar mercados estrangeiros, numa competição limpamente honesta. Foi essa competição inesperada e extremamente audaciosa que levou o pânico aos ingleses, apesar de protegidos pela libra, amparados na marinha de guerra mais poderosa do mundo e à sombra de uma diplomacia classicamente respeitada. Aliás, essa diplomacia somente na metade deste século principia a tropeçar em vicissitudes, mordendo melancolicamente o amargo pó da decadência.

Senhores:

A veracidade e o tamanho deste retrato de Delmiro Gouveia devo-os em parte às páginas de Alencar Araripe, o melhor biógrafo do gigante e, com certeza, o maior crítico da sua obra. Na companhia do repórter-historiador, pude medir a vida e o trabalho do super-homem paradoxalmente forjado no primarismo tecnológico de uma região subdesenvolvida, povoada de gente humilde, conformada e pacífica — região ainda sem estradas de rodagem, sem o caminhão e, por isso mesmo, sem essa figura hoje marcante no interior do Brasil, ou seja, o chofer profissional. Esse chofer é o mestiço que a novidade e o prestígio do caminhão, nos rústicos domínios da enxada, da foice e do machado, transformaram em legítimo herói nacional — herói sem temores nem vacilação na rapidez e na surpresa da ascensão social. Pelo contrário: em vez de temer, de assustar-se, passa a ministrar autênticas lições de arrogância, de independência pessoal diante dos senhores do sertão, donos absolutos da terra e do homem. Lembrai-vos disto, no desnivelamento social dos meios rurais, como se punia, como se castigava o atrevimento do mulato, do cabra, do caboclo e, mesmo, do branco pobre — o desprezado “sarárá” — em casos de amor ou simples namoro com a filha de potentados senão com a morte ou a emasculação? E hoje? Hoje, como se portam esses mesmos potentados diante das investidas do chofer de caminhão, isto é, do “rei” que se anuncia pela busina estridente, às vezes até dotada de música, na entrada dos vilarejos, nas ruas das cidades matutas, na passagem triunfal pelas porteiras e pátios de fazendas?

É certo que, nalgumas áreas do Nordeste, o caminhão precedeu à rodovia. Melhor: como o boi e o burro, foi ele o criador do seu caminho. Mas, no São Francisco, unindo Pedra a centros importantes de Alagoas e da Bahia, as estradas de rodagem saíram das mãos de Delmiro Gouveia.

Pelas rodovias o caminhão de carga também conduz notícias, modas, costumes, o conforto, os vícios e os preços, isto é, tudo o que as capitais, as metrópoles possuem de bom e de mau. Agora, o rádio diminui essa carga: as notícias che-

gam por intermédio das ondas hertzianas. E não apenas as notícias: também a má música, o falso canto, o discurso demagógico, as vãs promessas governamentais, a religião exaltada nos fastidiosos sermões dos padres ou na monótona, cansativa pregação dos pastores protestantes.

Meus Senhores:

Dei-vos, em pálida miniatura, o retrato intelectual do repórter-geógrafo, do repórter-historiador, do repórter-sociólogo. Passo a apresentar-vos, para estudo ou comparação, a miniatura de outro retrato de Alencar Araripe: o do ensaísta político. Intelectual de várias dimensões, não lhe faltam recursos e possibilidades para mergulhos mais profundos e vôos mais altos. Aliás, o ensaísta político outra coisa não é senão o maduro e natural desdobramento do repórter que observa, pergunta, discute, discorda e sugere.

No livro *O Mundo em Três Dimensões*, a publicar-se por estes dias, a Doutrina de Monroe é mostrada e comentada por Alencar Araripe, em todo o curso evolutivo. Digo “curso evolutivo”, pois descubro nessa Doutrina uma sucessiva mudança de nomes. Na verdade, a Política da Boa Vizinhança, a Política da Não Intervenção, a Aliança para o Progresso, a Declaração de Bogotá e, finalmente, a Organização dos Estados Americanos, não passam de meros disfarces do pan-americanismo, doutrina que, em sentido lato, não significou no passado, não significa no presente e não significará no futuro senão a filosofia privada do imperialismo dos E.E.U.U., em sua primeira fase, ou seja, antes da sua lógica evolução para a segunda e última etapa: a do imperialismo de caráter universal. No decorrer dos tempos, a doutrina pan-americanista assume aspectos contraditórios. À luz de ocorrências internacionais ora prevalecem interesses ianques contra interesses de nações da América. Ora os Estados Unidos anulam ambições européias em relação a países latino-americanos. Ora os mesmos Estados Unidos — é o caso atual — promovem a união de todas as Américas contra a ideologia comunista. Mais claramente: contra as nações que adotaram o socialismo. Mas, em lugar de pedir-se às Américas que se unam contra países de

regime político anti-capitalista, roga-se, por eufemismo cauteloso, que elas se reúnam para a luta contra as investidas do comunismo.

Pergunto agora: sob o signo da Doutrina de Monroe, por que hoje trememos pelo destino da Amazônia ante a hipótese de uma invasão que só poderia partir dos Estados Unidos, exatamente na hora em que nos aliamos aos norte-americanos na guerra à filosofia política da União Soviética, da China e satélites? Por que se permite ao dólar tomar de assalto o nosso rádio, a nossa televisão, os nossos jornais, as nossas revistas e, com a ajuda da nossa própria língua e da pena dos nossos próprios jornalistas e escritores, promover a alienação da cultura nacional? Eu admitiria uma Doutrina de Monroe, sob qualquer dos seus vários disfarces, se as nações das quatro Américas se vissem em pé de igualdade econômica, militar, política e racial. Os imperialistas sempre se mostraram impermeáveis e insensíveis aos ideais de confraternização entre as raças e entre os povos. Presentes os imperialistas na face da terra, a paz jamais passará de uma utopia. Os imperialismos sempre se alimentaram da guerra. A guerra sempre foi o seu clima e a sua finalidade. Deles, e somente deles, é filha a bomba atômica, a bomba de hidrogênio, os foguetes teleguiados. E a conquista do espaço cósmico é, ainda, uma guerra fria entre imperialismos: o imperialismo do capital particular e o imperialismo do capital do Estado. Oh, por que não se pagam os físicos para a preparação da paz? Por que o átomo só existe para a guerra?

Referi-me ao trágico e possível destino da Amazônia, o nosso quase sem fim deserto verde. E pergunto: cabe numa paz americana e na amizade entre os países do nosso Continente a ação silenciosa, desintegradora inexplicavelmente tolerada, de pastores protestantes norte-americanos, que conquistam o nosso vazio econômico e político, não com armas, porém com lanchas-hospital, medicamentos, escolas, roupa, alimento, música e religião? Ante o regime feudal ainda vigente em nossos velhos e esgotados seringais; ante a conta que o seringueiro jamais acaba de pagar; ante o impaludismo

que nunca se vence em rios e terras dominados por brasileiros, seria lógico não se pensar em ocupação da Amazônia pelos ianques embora sob pretexto de que, se não o fizessem, nações da Europa e da Ásia os precederiam?

Senhores:

Quem viu e sentiu a América através de autores políticos, quis um dia conhecer a Europa recém-emergida do mar de sangue da II Grande Guerra. Cidades ainda feridas, campos ainda revolvidos, com a marca viva e recente dos bombardeios e das batalhas, a vida tentando renascer entre escombros, neuróticos e mutilados da guerra por toda parte, ah, tudo isso constituía notas pungentes e macabras na paisagem estigmatizada. Com o faro, menos de repórter do que de sociólogo. Alencar Araripe andou entre ruínas, viu a ressurreição de cidades e, entre os vestígios materiais dos choques entre filosofias atuantes, porque saídas dos livros para os conflitos da construção política, não lhe faltou a impossibilidade do cientista, no apalpar o pulso e o pensamento de povos ainda esgotados pela conflagração, mas já retomando, pelos caminhos de uma paz tardia, novos rumos para o futuro.

Às páginas tranqüilas do escritor cearense, num encontro inesperado, pude rever o que a descrença já havia pintado em minh'alma: o quadro real de um desmoronamento, ainda hoje em marcha. Quero reportar-me ao desmoronamento de um velho sonho, que era meu e de milhões de homens: o sonho da igualdade econômica, da igualdade social. Na inocência política e na exaltação quase mística de minha juventude, eu jamais poderia admitir ou prever que o marxismo, na sua aplicação, fosse esbarrar, tragicamente, nos obstáculos da geografia, nos percalços da psique de indivíduos ou mesmo na alma dos povos. E, também, nunca me passaria pela mente que, um dia, se viessem a cruzar, na luta por espaços econômicos e políticos, um marxismo russo, um marxismo chinês e um marxismo cubano!

Sei que a doutrina de Marx, com a sua natureza dialética, nunca poderia reivindicar, para a sua filosofia e para os seus métodos de interpretação e de trabalho revolucionário, a pé-

trema dureza e a antinatural intangibilidade dos dogmas. Que o marxismo se transformasse, que ele evoluísse sem perda ou sacrifício da essência — admiti ontem e agora ainda admito. Mas — ó irmãos em materialismo científico! — devemos aceitar uma transfiguração imposta por interesses e competições somente explicáveis entre as nações capitalistas com a sua riqueza e as suas classes sociais erigidas sobre a exploração do homem pelo homem?

O erro não foi meu ao sonhar a igualdade entre os homens e entre os povos. O erro é de quem, na criação e estruturação da mais bela das filosofias e do mais perfeito método de interpretação da História, não se lembrou de sondar as profundezas, os enigmas e mistérios da alma humana, pois ela sempre escondeu, guardadas e vigiadas por um Super-Ego, nem sempre insone, um mundo de sentimentos individualistas de ressentimentos recalcados — mundo que apenas finge dormir sob a frouxa vigilância de uma civilização tecida de convenções hipócritas com mentiras milenares em cristalização permanente e sem perigo.

Acadêmico Alencar Araripe:

Sei que não estive à altura dos vossos méritos nas palavras com que vos abri as portas desta Casa. Quis parecer simples, exato e correntio como vós. Acaso, terei conseguido o intento?

Mas, de qualquer forma, a difícil missão está cumprida. Perdoai-me se não interpretei a contento a vossa obra de repórter, de sociólogo e cientista político. Resta-me agora pedir-vos com afeto e humildade: entrai e sentai-vos, pois a Casa e a Cadeira vos pertencem.